

# SPARTACUS / 1960 (*Spartacus*)

um filme de Stanley Kubrick

**Realização:** Stanley Kubrick (e Anthony Mann, não creditado) / **Realizador de segunda equipa:** Irving Lerner / **Argumento:** Dalton Trumbo, segundo o romance homónimo de Howard Fast / **Diretor de fotografia (70 mm, Panavision, cor):** Russell Metty / **Direcção artística:** Alexander Golitzen, Roger Furse / **Figurinos:** Peruzzi, Valles, Bill Thomas / **Genérico:** Saul Bass / **Montagem:** Robert Lawrence, Robert Schultz, Fred Chulack / **Música:** Alex North / **Intérpretes:** Kirk Douglas (Spartacus), Laurence Olivier (Marcus Crassus), Jean Simmons (Varinia), Charles Laughton (Gracchus), Peter Ustinov (Lentulus Batiatus), Tony Curtis (Antoninus), John Gavin (Júlio César), Nina Foch (Helena Glabrus), Herbert Lom (Tigranes), John Ireland (Crixus), John Dall (Glabrus), Charles McGraw (Maecellus), Joanna Barnes (Cláudia Marius), Harold J. Stone (David), Woody Strode (Draba), Peter Brocco (Ramon), Paul Lambert (Gannicus), Robert J. Wilke (oficial romano), Nicholas Dennis (Dionysius), John Hoyt (oficial romano), Frederick Worlock (Laelius), Dayton Lummis (Symmachus), Jill Jarmyn, Jo Summers.

**Produção:** Edward Lewis, Bryna Productions (Kirk Douglas) / **Cópia:** 35mm, colorida, com legendagem eletrónica em português, 191 minutos / **Estreia mundial:** Outubro de 1960 / **Estreia em Portugal:** Monumental, em 12 de Setembro de 1961.

*A sessão de dia 11 tem lugar na Esplanada e decorre com uma curta pausa técnica para mudança de rolo e com o habitual intervalo.*

---

Entre **Paths of Glory** e **Spartacus** medeiavam 3 anos. Nada que surpreenda (*a posteriori*) num autor conhecido pelos longos intervalos entre cada obra, tempo geralmente ocupado na metódica e exaustiva preparação do filme a fazer. Mas neste caso não é disso que se trata. Por esta altura Kubrick não era ainda um cineasta conhecido. **Paths of Glory** tinha chamado a atenção pelo escândalo e **Killer's Kiss** e **The Killing** esperavam ainda a consagração do realizador para se tornarem filmes de culto. Kubrick estava agora ocupado com a preparação do que poderia ter sido a sua intrusão no western, preparando-se para filmar **One Eyed Jacks/Cinco Anos Depois**. Mas logo ao começo começaram os problemas entre o jovem realizador e a vedeta do filme, Marlon Brando. Com um peso maior na indústria, seria este a ganhar, levando ao afastamento de Kubrick e tomando Brando as rédeas da direcção. Foi nestas condições que Kubrick aceitou de imediato o convite de Kirk Douglas para dirigir **Spartacus** que se encontrava em situação semelhante.

**Spartacus** era um projecto que o actor acalentava, e preparava, há alguns anos. O argumento tivera várias intervenções, sempre controladas de perto pelo autor do romance, Howard Fast. Houve vários conflitos com o produtor (o próprio Douglas, através da sua companhia Bryna), mas este acabara por conseguir levar a melhor com a última reescrita do argumento por Dalton Trumbo (*ex-black-listed*) que com este filme e **Exodus** de Preminger, voltaria a ver o seu nome nos genéricos, após longos anos escondido atrás de pseudónimos). Para a realização a Universal contratou Anthony Mann contra a vontade de Douglas que não o via capaz de ter mão firme numa obra de tal dimensão. As primeiras semanas de filmagens terão dado razão a Douglas que, com o acordo do estúdio, chamou o jovem realizador que o dirigira em **Paths of Glory**. Do que filmou Mann não se sabe, em

concreto, o que ficou na montagem final. Certo, certo, é que grande parte do começo e da escola de gladiadores é seu. Há quem diga que quase toda a primeira hora do filme é da sua responsabilidade, devido a uma visível ruptura de tom em relação ao resto da obra. Seja como for, um olhar atento e conhecedor do trabalho de ambos os realizadores distingue algumas nuances mesmo nessa primeira parte. Se a exploração da paisagem e dos exteriores têm a mão de Mann (assim como muitas das cenas entre os gladiadores e os seus combates, e os seus filmes seguintes, **El Cid** e **The Fall of the Roman Empire**, mostram, que, no fim de contas, ele sabia bem trabalhar com grandes massas de figurantes e projectos da envergadura de **Spartacus**), noutros detecta-se a marca de Kubrick, como no caso da entrada de **Spartacus**, a cavalo, com a arena ocupando o primeiro plano, ou o ataque dos gladiadores com as grades (há nestas cenas uma exploração dramática das simetrias típicas da obra de Kubrick). Seja como for, o resultado é desigual, visto da perspectiva da "autoria" de Kubrick. **Spartacus** está, antes de mais, como outros filmes de grande espectáculo (**Gone With the Wind**, **The Longest Day**, etc), dominado pela mão do produtor, neste caso, Kirk Douglas. Kubrick diria mais tarde que **Spartacus** "*foi o único filme sobre o qual não tive um controle absoluto*".

Mas, tal como no filme que a morte impediu que dirigisse, **A.I., Artificial Intelligence**, a marca de Kubrick surge de forma nítida, contraposta às restantes influências. E as duas horas restantes do filme, em particular todas as cenas em Roma, no Senado, são particularmente sugestivas, com destaque para as que põem frente a frente Crasso (Laurence Olivier) e os seus rivais no Senado (e fora dele). E é Crasso, frio e manipulador, a personagem mais kubrickiana do filme, contra a imagem idealizada de Spartacus, tão complexo como outras figuras que estão para vir na obra do realizador. Crasso encontra um duplo em Júlio César (só é pena que o limitado talento de John Gavin não dê ao futuro imperador a ambiguidade, e também oportunismo, que nele se adivinha), que leva para o seu campo contra o senador republicano Graco (Charles Laughton). O argumento de Dalton Trumbo traz ao filme uma personagem nova, a de Antoninus (Tony Curtis), a mais singular e forte do filme, ao lado de Crasso. A personagem está no centro da cena que foi cortada para a distribuição, na altura da estreia, e que só foi incluída aquando da restauração do filme, no fim dos anos 90: o banho de Crasso onde o diálogo do senador com o seu escravo revela de forma clara o carácter homossexual de Crasso, com as famosas alusões às receitas afrodisíacas e insinuações pouco veladas que levam à fuga de Antoninus (a sequência termina com o sorriso, mais ou menos irónico, de Crasso na varanda). Mas esta cena, assim como a luta final de Spartacus com Antoninus, é também vincadamente kubrickiana e evoca, pelo seu sentido, a despedida de Clay e Marvin antes do assalto em **The Killing**, no quarto do segundo, com um diálogo de sentido semelhante. Todos estes encontros e duelos (Crasso-Spartacus, Crasso-Antoninus-Spartacus, Crasso e os senadores) desenrolam-se de uma forma extremamente elaborada e rígida, como se se tratasse de um jogo de xadrez (mais uma vez sistema dominante no cinema de Kubrick) e é a eles que o realizador presta atenção, secundarizando as cenas espectaculares e de combates. O filme, aliás, tem muito poucas cenas deste género, e não muito trabalhadas. Todos estes exteriores foram filmados em Espanha, nos arredores de Madrid, pelo realizador de segunda equipa Irving Lerner. É no conflito humano e na complexidade das personagens que reside a força de **Spartacus**. E, neste caso, tem a marca de Kubrick.

Destaque-se ainda o prodigioso genérico criado pelo mestre incontestável do género, Saul Bass, o mesmo de **Exodus**, **Vertigo**, **North by Northwest** e **Psycho**, entre muitos outros.

Manuel Cintra Ferreira